

As experiências de um Estágio Supervisionado em Ciências em uma escola municipal de Florianópolis, Santa Catarina¹

Laise Orsi Becker
Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC
laise.orsi@ufsc.br

Marcelo D'Aquino Rosa
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica – PPGECT/UFSC
marcelodaquino87@yahoo.com.br

Resumo

Esse artigo relata uma experiência que foi realizada durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino de Ciências, no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, no primeiro semestre letivo do ano de 2010. Na experiência junto à escola, é retratada a significância da mudança do sujeito *futuro professor*, de observador para professor auxiliar desde o primeiro momento, atuando junto ao docente titular no preparo das aulas da disciplina de Ciências e assumindo a função de professor desde o início do estágio. Deste modo, observou-se uma real vivência do ser professor para os licenciandos em todo o período do estágio e, também, um retorno à escola, com novos materiais e práticas possíveis. Devido à condição de todos os três atuarem sempre como professores em sala. Para os alunos o impacto também se mostrou positivo, sendo que estes se sentiam especiais pelas aulas diferenciadas às quais participaram.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; formação de professores; Ciências Biológicas; licenciatura; formação inicial; Ensino Fundamental.

Introdução

Durante o primeiro semestre letivo do ano de 2010, a disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino de Ciências (antigamente denominada Prática de Ensino) no curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) aconteceu com uma estreita parceria junto à escola municipal Beatriz de Souza Brito, localizada no bairro Pantanal, próximo à Universidade. Neste relato de experiência, gostaríamos de falar brevemente sobre as vivências que tivemos no estágio em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental na disciplina de Ciências e que, em alguns momentos, foram ligeiramente incomuns e muito interessantes.

1 Artigo construído como trabalho final da disciplina “Estágio Supervisionado I”, ofertada no primeiro semestre letivo de 2010, sob a supervisão do prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães.

Como enfatizado por Pelozo (2007, s/p), “A Prática de ensino, amparada pelo estágio supervisionado, proporciona ao futuro docente a construção da identidade profissional ou a ressignificação de sua profissão.” No entanto, a mesma ressalta que, seu objetivo deve ir além de ensinar conteúdos e modos de fazer a serem aplicados nas situações reais. E “Para que o estágio surta efeito é necessário que as atividades sejam programadas de modo que as mesmas não se distanciem da realidade” (PELOZO, 2007, s/p).

O estágio realizado em dupla iniciou-se com a inclusão dos estagiários em sala de aula, mas de modo distinto do trivial: os mesmos começaram esse período como monitores da disciplina ao invés de meros observadores do contexto de sala de aula. O trabalho de monitor consistia em auxiliar e colaborar com o professor supervisor do estágio². Deste modo, a acolhida da escola conosco foi distinta de outros estágios que iniciam tradicionalmente com a observação, pois fomos inseridos desde o início no contexto de funcionamento da instituição. Segundo Pimenta (2010, p. 68):

O estágio de observação [...] pelo simples fato de introduzir o aluno na escola para observar o seu funcionamento, não o capacita para desvendar a complexidade desta. É fundamental que ele seja levado a *conhecer* e a *refletir* sobre o modo como tal realidade foi gerada, condição esta fundamental, mas não única para que venha a transformá-la pelo seu trabalho.

Essas escolas são regularmente “invadidas” por alunos estagiários das diferentes licenciaturas que necessitam cumprir o Estágio Supervisionado como parte obrigatória de suas formações acadêmicas. Porém, ao ceder o palco a esses novos e diferentes atores, a instituição escolar se vê também abandonada às críticas negativas, sendo que quando estas são originadas, poderiam acabar por circular fortemente pelo meio universitário e influenciar negativamente na forma com que os estagiários visualizam as escolas – e, portanto, na forma de trabalhos daqueles com estas.

Com esta proposta sugerida pela escola e pelo professor supervisor do estágio, nós deixaríamos de cumprir o papel de observadores e “juízes”, para nos tornarmos parte ativa da sala de aula desde o início, participando do seu planejamento e inclusive atuando junto ao professor titular durante esse período de monitoria. Com isso, a transição de monitores para professores da disciplina foi gradual, experimentando, conhecendo os alunos e habituando-os à nossa presença, mas sempre na figura de professor, perante eles.

² Professor supervisor do estágio é também aquele que consideramos o titular da disciplina na escola, ou nesse caso, o professor de Ciências responsável pela turma que acompanhamos.

Essa fase nos pareceu muito importante. Nesse contexto, já éramos respeitados e vistos pelos estudantes como professores quando assumimos as aulas. Não éramos estranhos, não estávamos “roubando a cena” do nosso colega, o professor titular da turma. Por fim, houve um último efeito positivo: os alunos daquela turma sentiam-se importantes porque tinham aula com três professores.

O desenvolvimento do estágio: algumas impressões e materiais

Desde o período de monitoria dos estagiários – quando as aulas eram planejadas em conjunto pelo professor de Ciências da escola e por nós – até o momento em que efetivamente lecionamos, na segunda metade do estágio, o planejamento foi conjunto para que a docência dos três professores adquirisse um caráter de unidade. Quando as aulas eram planejadas pelos estagiários, por exemplo, as ideias e abordagens foram sempre discutidas entre todos os professores e houve uma diversidade de atividades e abordagens, o que foi percebido por nós como um impacto positivo às aulas de Ciências.

Por se constituir numa diversidade difícil de alcançar sozinho, na realidade de um professor com tantas aulas e tantos alunos, consideramos que essa possibilidade se tornou uma importante contribuição dos estagiários para o professor de Ciências e para os alunos da turma de 6º ano, bem como uma real possibilidade a ser considerada nos estágios supervisionados. A cooperação nesse sentido ocorre tanto na produção de materiais e recursos que possam ser utilizados posteriormente pelo professor, quanto contribuindo pessoalmente com dinâmicas e atividades que não seriam possíveis com a presença de um único professor em sala de aula.

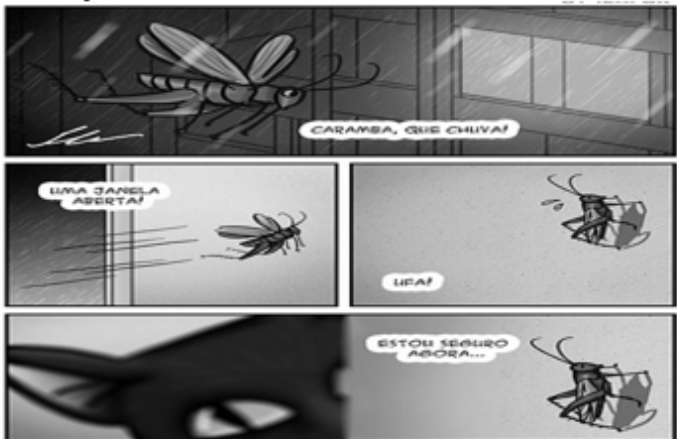
Ressaltamos aqui que tudo isso foi possível pela abertura do professor supervisor que nos recebeu, por permitir que as atividades fossem criadas e pelo seu modo de conduzir suas aulas, onde sempre procura dinamizá-las e contar conosco para apoiá-lo em suas práticas. Deste modo, tudo ocorreu bem e com entrosamento entre todos os membros dessa equipe. Ainda, essa diversidade de aulas permitiu que atingíssemos os diferentes alunos com atividades de leitura, de desenho, de colagem, apresentações, exibição de filmes, aulas expositivas, experimentos. Nos próximos parágrafos nos debruçaremos sobre algumas dessas intervenções.

Na segunda semana de aula, preparamos a exibição do filme de animação “Vida de Inseto”, dos estúdios *Disney* e *Pixar*. Segundo Almeida e colaboradores (2011), o cinema pode ser uma interessante e positiva estratégia para se trabalhar com crianças, em especial

nos tópicos sobre ambiente e educação ambiental. Devido ao tempo de duração do filme (95 minutos) corresponder à sequência de duas aulas de Ciências (100 minutos) que, com a distribuição dos roteiros de estudo (Figura 1) para os trabalhos extraclasse, extrapolaria o tempo. Considerando o fato, preparamos um lanche para ser comido durante o filme, não prejudicando os minutos de recreio em sala. Nem todos esses estudantes puderam ficar devido a um compromisso com o professor de Educação Física. Entretanto, aqueles que permaneceram e participaram do momento foram muito receptivos à atividade, inclusive citado nas nossas avaliações como um momento especial e de carinho da nossa parte.

Roteiro filme Vida de Inseto

1. A animação *Vida de Inseto* nos faz passear pelo pequeno universo de insetos que nos cercam. Cite 4 insetos que aparecem no filme e classifique-os quanto sua alimentação (herbívoro, carnívoro e onívoro). Lembre-se que carnívoro é aquele que come outro animal, não necessariamente “carne”, pode ser um peixe ou um camarão.
2. Nas cenas do filme aparecem seres vivos de outros reinos que não o Reino Animalia, quais são esses seres?
3. Dotty não está feliz com o fato de não conseguir voar ainda. Flick tenta ajudá-la falando da árvore que existe dentro da semente, mas que precisa crescer e se desenvolver ao seu tempo. Os seres vivos passam por transformações ao longo de seus ciclos de vida e nós como seres vivos também passamos. Dê dois exemplos de transformações que aconteceram = na sua vida e que só assim permitiram que você fizesse algo.
4. Aponte quem são os seres vivos ruins no filme e quem são os bons.
5. Observe a história abaixo e responda:



 - a) Quem é o vilão nessa história e quem é o personagem bom?
 - b) Existem seres vivos maus e bons ou esta é uma visão que nós seres humanos estabelecemos deles, podendo mudar conforme o ponto de vista? Justifique a sua resposta.
6. Leia o trecho abaixo e responda:

A fábula da formiga e da cigarra de La Fontaine é muito conhecida. Conta a história de uma formiga que passa o verão inteiro trabalhando para juntar alimento para o inverno e de uma cigarra que fica cantando durante o verão. No inverno a cigarra passa necessidades e vai atrás da formiga pedindo abrigo e comida. A formiga, porém não abriga a cigarra dizendo que enquanto ela trabalhava a cigarra se divertia, e agora ela que “se vire”.

 - a) Essa fábula do La Fontaine nos mostra a formiga como um ser vivo trabalhador e a cigarra como um ser vivo preguiçoso. No filme as formigas também são trabalhadoras, enquanto os gafanhotos desempenham o mesmo papel que a cigarra da fábula. As formigas estão mesmo trabalhando ou elas apenas estão buscando alimento como outros seres vivos fazem, mas com menos frequência?
 - b) As fábulas são histórias que pretendem no trazer um ensinamento moral. Seria correto afirmar que a formiga e a cigarra da história representam mais um ser humano trabalhador e um ser humano preguiçoso do que realmente uma formiga e uma cigarra?
7. Questão desafio: não é obrigatória, mas quem responder corretamente ganha conhecimento e ponto extra na atividade, podendo acumular para a nota do teste.

Só algumas formigas no filme apresentavam asas (as formigas fêmeas da família real). Na natureza também é difícil vermos formigas com asas. Você sabe dizer quais são as formigas que possuem asas (ou quando é que elas desenvolvem asas) e por que motivo?

Figura 1. Roteiro para trabalho extraclasse com o filme “Vida de Inseto” (Fonte: elaborado pelos autores).

Com esse material impresso em forma de roteiro, procuramos revisar com os alunos alguns conceitos que haviam sido trabalhados no mês anterior de aulas (como os de seres vivos, reinos e cadeia alimentar). Ainda, tentamos chamar atenção deles para mudanças físicas e psicológicas que ocorrem em suas vidas e como as que marcam as fases como a infância e a adolescência. Três das questões foram propostas para mobilizá-los no aspecto cultural das visões que estabelecemos do meio natural (no caso, os animais).

Buscamos com elas, provocar a reflexão destes alunos sobre nossos padrões sociais do belo, do feio, do bom, do mau, do trabalhador, do preguiçoso, além do próprio ato de matar para comer – conhecido entre outros grupos de seres vivos como relação de predatismo. Percebemos pelas respostas às questões que falavam sobre o gafanhoto do filme, que ser bom ou mau era uma visão humana acerca das atitudes que esses personagens tinham no filme. No entanto, ao responderem sobre a fábula da formiga e da cigarra, eles atribuíram à formiga a característica de trabalhadora e acreditavam que aquela não era uma função natural das formigas por busca de alimento, do mesmo modo de um beija-flor que visita as flores.

Houve, entretanto, algumas respostas bem surpreendentes pela profundidade encontrada nessa faixa escolar – 6º ano de uma rede pública municipal. Conforme o exemplo mencionado na Figura 2, o estudante que realizou a atividade ainda demonstra entender claramente o que é o conceito de cadeia alimentar.

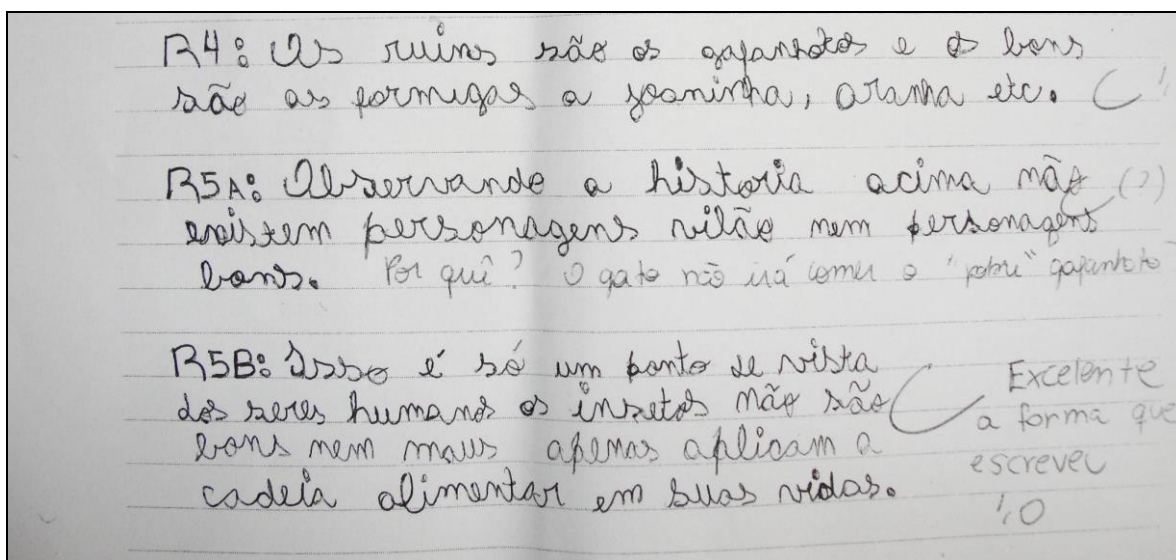


Figura 2. Resposta de um dos alunos do 6º ano a algumas questões da atividade realizada com o roteiro do filme.

Segundo a professora da escola, essa atividade permitiu que alunos mais tímidos e, por isso, menos participativos em sala, relaxassem e rissem juntamente com todos os outros enquanto todos assistiam ao filme e dele retiravam suas impressões.

Posteriormente, acreditamos que uma das aulas mais interessantes para eles foi também o momento em que falamos da clorofila, o pigmento responsável pela coloração verde nas plantas. A professora vinha comentando com todos os estudantes a respeito da presença dessas substâncias nestes seres, conhecidos como produtores, mas ainda sem mostrá-lo aos alunos. Consideramos então que aula em que levamos o álcool com clorofila extraída das folhas foi relevante, para que os alunos pudessem observar e formular respostas e raciocínios acerca dos conteúdos já abordados nas aulas teóricas anteriores com o professor titular de Ciências, sobre as cadeias alimentares, em nosso período como monitores da turma. Para este momento, preparamos outro roteiro de estudos (Figura 3), que foi entregue em sala de aula.

<p><u>Roteiro para aula prática de fotossíntese</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Obter folhas de diferentes plantas ao redor da escola. 2. Trazer as folhas para sala e mergulhá-las em um Becker (recipiente) com álcool, agitando a solução. 3. Observar a coloração que a mistura adquire com o passar do tempo. <p><u>Explicar:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Por que a solução adquiriu esta coloração? Qual é a substância responsável por este fenômeno? 2. Esta substância foi estudada na disciplina de Ciências anteriormente? Em que assunto das nossas aulas? 3. Qual a importância desta substância para os seres vivos? Em qual grupo de seres das cadeias alimentares podemos encontrar este pigmento? Como se chamam estes seres? <p>ATENÇÃO: entregar estas questões respondidas (1 folha por grupo). Não se esqueça de colocar o cabeçalho completo, com os nomes de todos os alunos do grupo.</p>
--

Figura 3. Roteiro de estudos para atividade prática de extração de clorofila (Fonte: elaborado pelos autores).

O roteiro apresentado, embora se tratando de uma atividade fechada e cujo final os estudantes provavelmente já saberiam, ainda assim os motivou por oferecer possibilidades de trabalho diferentes de uma aula considerada tradicional.

Nessa aula, e também quando trabalhamos o ciclo de vida das moscas-da-fruta (*Drosophila melanogaster*), houve uma atenção quase que individual aos alunos por nossa parte, com a ajuda do professor titular. Eles estavam em grupos de trabalho e pudemos circular por cada uma das equipes, tirando as dúvidas e os ajudando individualmente. Isso

permitiu que alunos que quase não manifestavam as suas perguntas pudessem conversar conosco e, deste modo, percebemos que aprofundamentos deveríamos dar para cada grupo. Ressaltamos novamente que esse tipo de atenção só foi possível pela presença do professor titular, ou de um segundo responsável em sala, que pudesse conversar com os demais grupos nestes momentos.

Estar em contato com uma experimentação ou com materiais advindos da universidade fazia-os sentirem-se importantes, compartilhando de algo que as demais turmas na escola não faziam. Constantemente os estudantes nos indagavam se eram os únicos que possuíam aulas conosco e o professor titular flagrou um dos alunos dizendo aos colegas que deveriam ter respeito e aguardar quietos, “porque a professora trouxe as mosquinhas da universidade”.

Já a última intervenção que realizamos foi sobre os fungos, para complementar o conteúdo de cadeias alimentares, trabalhado anteriormente, agora com foco nos seres decompositores. Escrevemos e entregamos um texto sobre esses indivíduos (Figura 4) aos alunos. Fizemos questão de colocar aos alunos que os fungos eram seres bem diferentes das plantas, inclusive cobrando isso em avaliação na aula seguinte. Apesar de nossos esforços, vários estudantes ainda fizeram confusão no momento da avaliação, embora na avaliação dos estagiários uma das alunas tenha dito que gostou muito da aula sobre fungos porque aprendeu que eles não eram plantas como acreditara anteriormente.

A maravilhosa vida dos fungos

Você já parou para se perguntar de onde vêm os cogumelos e outros fungos? Será que eles aparecem do nada ou existe alguma coisa deles no ambiente que possa fazer com que eles surjam de vez em quando?

Cogumelos, bolores (mofos) e orelhas-de-pau, alguns exemplos de fungos, aparecem em um ambiente graças à presença de estruturas chamadas de **ESPOROS**. Os esporos são como as sementes das plantas normais, mas são muito menores que elas. Esses esporos conseguem dar vida a um novo fungo quando encontram condições ideais, como algum tipo de alimento, umidade (água) e algum lugar para conseguir crescer e terminar seu ciclo.

Você já notou também que, após algum tempo no ambiente, os cogumelos morrem e desaparecem? Isso acontece com toda essa rapidez porque o tempo que um cogumelo precisa para liberar seus esporos é muito pequeno e ele já morre logo após esse período.

Quando você encontra um cogumelo crescendo sobre algum campo com grande matéria orgânica, como pastos de bois, ou até mesmo em cima de algum tronco de árvore morta, não o arranque! Ele está presente ali no ambiente para decompor todos os nutrientes dos restos desses seres vivos e jogá-los de volta no ambiente, renovando a energia e a vida ao seu redor. As bactérias também se prestam a esse papel. Viu como eles são seres importantes, apesar de tão pequenos?

Você também deve tomar cuidado com cogumelos quando encontrar algum por aí. Jamais coma ou coloque-os na boca, pois existem cogumelos extremamente venenosos e que podem até nos matar, alguns inclusive muito parecidos com os outros cogumelos que usamos em nossa alimentação, como os champignons.



Figura 4. Texto sobre os fungos, utilizado para uma aula a respeito da temática “decompositores” (Fonte: elaborado pelos autores).

Através da leitura coletiva desse texto em sala de aula, pudemos novamente trabalhar a questão de conceitos e de vocabulário com esses estudantes do 6º ano, como as diferenças entre as sementes dos vegetais e os esporos dos fungos. Além disso, procuramos reforçar e deixar muito evidente a todos dessa turma a importância ecológica que os fungos possuem nas relações entre os seres vivos, uma vez que grande parte deles era considerada “ruim” ou “danosa” pelas crianças, uma visão ainda bastante presente nas coleções didáticas de Ciências (ROSA; MOHR, 2010).

Junto a esse material, foi entregue outro roteiro elaborado por nós, com um segundo texto sobre seres decompositores em geral, abordando sua importância nos ecossistemas e o papel que os mesmos exercem (Figura 5). Esse material também foi lido coletivamente e discutido por todos nós na mesma aula.

Considerações finais

Nesse artigo relatamos algumas experiências e materiais que consideramos relevantes em nosso contexto de estágio supervisionado, realizado em uma escola pública municipal em Florianópolis, Santa Catarina. Mais do que contarmos as nossas impressões, utilizamos esse texto com o intuito de dividir os materiais que formulamos e acreditamos terem tido importância e relevância na formação dos estudantes do 6º ano com os quais estagiamos por cerca de três meses.

Trabalhando numa perspectiva problematizadora, nas palavras de Freire (2011), nós tentamos fazer com que nossos alunos não fossem meras tábulas rasas, depositários de nosso conhecimento científico em Biologia. Procuramos o tempo todo fugir de uma educação bancária, abordando os conteúdos e temáticas por um viés mais significativo e contextualizado. Dessa forma, acreditamos que esses estudantes pudessem se interessar mais e verdadeiramente pelo conteúdo de Ciências com os quais trabalhávamos.

É muito importante mencionar o apoio e a presença do professor titular de Ciências no planejamento, além de sua participação nas aulas que estivemos ministrando. Sem a ajuda e a colaboração dessa colega, não teríamos desenvolvido tão bem nossas práticas. Consideramos que isso se deva, em grande parte, à socialização dos saberes experienciais desta professora conosco. Esses saberes, na concepção de Tardif (2012), são aqueles originados no/pelo trabalho docente, que podem ser repartidos e socializados entre diferentes professores e os ajudam em suas profissões.

Barros, da Silva e Vásquez (2011, p. 516) acreditam que:

A prática educativa deve estar voltada para uma formação que tenha significado para os alunos, que seja útil com o intuito de se ter uma inserção crítica e comprometida no meio social. Para cumprirem com êxito a tarefa de educar, os professores precisam dominar métodos e técnicas de ensino adequadas, que possibilitem aos alunos uma aprendizagem compreensiva dos conhecimentos científicos e o desenvolvimento de atitudes e habilidades necessárias para a participação nesta sociedade em mudanças; ter conhecimento da realidade mundial e do campo de atuação; aceitar a diversidade sócio-econômica-cultural e estar comprometidos com a equidade social.

Assim, acreditamos que alcançamos o nosso objetivo de motivar esses alunos em seus processos de aprendizagem sobre as Ciências e sua inserção social, bem como na formação de um sujeito crítico e participativo na sociedade. Tivemos êxito nas atividades realizadas e ficamos muito orgulhosos do trabalho que pudemos concluir em parceria com

o professor de estágio supervisionado, o professor colaborador de Ciências e a turma de 6º ano.

Referências

ALMEIDA, A. P. T.; LOCATELLI, J.; FREIRIA, R. T.; GUIMARÃES, L. B. Quando o cinema faz pensar sobre o ambiente: notas sobre uma oficina com crianças. In: V Encontro Regional de Ensino de Biologia, 2011, Londrina. *Anais do V Encontro Regional do Ensino de Biologia*. Londrina: UEL, 2011. v. 01, p. 01-08.

BARROS, J. D. S.; SILVA, M. F. P.; VÁSQUEZ, S. F. A prática docente mediada pelo estágio supervisionado. *Atos de pesquisa em educação*, v. 6, n. 2, p. 510-520, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50ª edição (revista e atualizada). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

PELOZO, R. C. B. Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado enquanto mediação entre ensino, pesquisa e extensão. *Revista Eletrônica de Pedagogia*, São Paulo, ano V, n. 10, 2007.

PIMENTA, S. G. *O estágio na formação de professores: Unidade teoria e prática?* São Paulo: Cortez, 2010.

ROSA, M. D.; MOHR, A. Os fungos na escola: Análise dos conteúdos de Micologia em livros didáticos do ensino fundamental de Florianópolis. *Experiências em Ensino de Ciências* (UFMT), v. 5, n. 3, p. 95-102, 2010.

TARDIF, M. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2012.